

Can Const

Decadência da nossa democracia

PAUL-EUGÈNE CHARBONNEAU

14 NOV 1986

P. A. 10

"Todos os políticos têm sua música vocal que os denuncia."

Jean Cau

Há muitos meses e especialmente nestas últimas semanas assistimos a um triste espetáculo. A leitura dos jornais diários e uma hora de embrutecedora televisão todas as noites deixam-nos um amargo gosto na mente e põem à prova todas as nossas convicções democráticas. Com efeito, qual é essa democracia que repousa, no momento tão importante que o país atravessa, prestes a dar a si mesmo uma nova Constituição, sobre um desfile de candidatos cujas figuras patibulares e discursos ridículos dão-nos a lamentável impressão de que nosso país será entregue a um exército de incompetentes, de nulos, de políticos débeis e de irresponsáveis incorrigíveis, por não terem matéria-prima cerebral?

Non se pode fazer nada mais do que mergulhar, dia após dia, num ceticismo melancólico, no qual se afogam todas as nossas decepcionadas esperanças. Durante um quarto de século fomos prisioneiros de estruturas políticas que não permitiam que ninguém fosse ele mesmo, que afirmasse claramente seus propósitos, que explicasse que caminhos escolhia, como pretendia ser um cidadão livre numa sociedade onde a sua participação fosse o normal. Eramos ameaçados, condenados a escutar discursos despojados de toda decência política, amordaçados e condenados a um silêncio que nem ao menos se podia denunciar, dizendo que nos era imposto por forças arbitrárias que se alimentavam de soberania usurpada.

Em tal contexto, nós esperávamos a libertação, o renascimento da nossa liberdade, a restituição do nosso direito de participação. Sonhávamos com a Democracia. Não tínhamos aspiração senão por este

momento no qual o voto livre nos seria permitido, e a nação tornaria a ser nação. Mas eis que esse sonho está quase se tornando um pesadelo. De noite para noite a democracia, por tanto tempo esperada, parece assumir os traços de um fantasma que estaria morando na nossa nova noite política. Desta vez estamos condenados a uma democracia da qual só podemos chorar a decadência.

Em primeiro lugar, a mais imaginável demagogia nos é mostrada de todos os lados. A respeito dela podemos repetir o que um dos mais lúcidos analistas políticos do nosso século escreveu: ela não é senão a arte de vestir o pensamento com uma espessa nuvem verbal. Isso é ainda mais grave porque é na densidade das nuvens que os naufrágios são mais temidos. Assim, nossa democracia arrisca-se a naufragar. Os destroços políticos nos embrutecem com discursos, às vezes folclóricos, de tal forma são sem presença; às vezes irritantes, de tal forma são idiotas; às vezes vergonhosos, de tal forma revelam mentiras, que acabamos tendo a sensação de que se faz um esforço para sabotar uma democracia nascente, que poderia ser nossa salvação.

Um após outro, nossos candidatos que aspiram pelo voto democrático transformam a política numa verbosidade estrondosa, agressiva, lacrimosa, que só pode provocar náuseas. Gabriel Marcel dizia com razão, observando nosso tempo, que os termos: liberdade, pessoa, povo, bem comum, zelo a favor dos economicamente fracos, são empregados de modo cada vez mais pesado: tornaram-se "slogans" que perdem sempre sua significação autêntica sob o dilúvio verbosístico que nos impingem os atuais candidatos, que parecem dominados pela paranóia ou pela

esquizofrenia política. A impressão que se tem sobre esse dilúvio de insanidades verbais, é exatamente que as realidades que tais palavras devem designar, estão, na verdade, quase desaparecendo, sendo ainda objeto de uma inflação verbal galopante, comparável aos piores momentos da inflação monetária que, recentemente, tão bem e infelizmente conhecemos.

Assim, nós nos encontramos — e cada vez mais — perante a desmesurada e catastrófica inflação da palavra vazia. As palavras não dizem nada, os discursos não são mais do que ruídos alucinantes, e com uma retórica inchada, que se caracteriza, entre outras coisas, pelo mau gosto, somos mergulhados no mais completo niilismo político. Nenhum programa sério foi mostrado. No lugar de programas estruturados e racionais, que deveriam ser propostos, vemos promessas que todos sabem que jamais serão cumpridas.

Elas são, geralmente, destituídas de todo realismo. Ora, precisamente, sabemos que é essencial ao caráter da demagogia dizer disparates e propor programas que são feitos para não ser utilizados. Assim acontece com seus extravagantes compromissos que se pretende assumir perante um povo que chora de raiva, pois sabe que nada desses projetos tomará corpo, e que amanhã ele estará no mesmo ponto da sua miséria e do seu desespero. Prometem-lhe escolas mirabolantes, em número incrível: ele sabe que amanhã, como hoje, ele não terá acesso à educação. Prometem-lhe pão em abundância: ele sabe que amanhã ainda estará com fome e que ninguém ligará para isso. Prometem-lhe participação: ele sabe que não será menos marginalizado de todo poder democrático, que será o reduto de políticos profissionais, indiferentes ao povo eleitor, preocupados uni-

camente com sua carreira futura e seus interesses pessoais.

Se fosse necessário fazer a lista completa das promessas feitas para não ser sustentadas, não chegaríamos ao fim. Todas as noites ofereceram-nos tais propostas durante uma hora — um tempo que se poderia dizer, de mentiras atrevidas. Se é verdade, como diz Zinoviev, que o meio mais seguro de distinguir a demagogia das intenções sinceras é tentar realizar praticamente os "slogans" da demagogia, nós estamos bem servidos. Sob essa avalanche de propostas em primeiro lugar, sem sentido, e depois sem decência, enfim sem seriedade, nossa democracia ameaça desmoronar na mentira.

E também na hipocrisia, que é tão repugnante por disfarçar-se com tradições cristãs. Balbuciar ameaças dizendo-se penetrado de profunda preocupação com a salvaguarda dos valores cristãos, do modo como certos candidatos fazem atualmente entre nós, assume ares de política blasfematória.

Nenhum desejo democrático autêntico pode admitir que se trate impunemente dos interesses do povo soberano e que se assumam ares gloriosos de defensores desse povo, quando na realidade se despreza, sem vergonha nenhuma, esse mesmo povo.

Quando, pois, nossa democracia irá renascer de verdade, expurgando toda a linguagem política da mentira, da hipocrisia, da mistificação, da indecência? Infelizmente não será neste 15 de novembro de 1986. Por isso, na verdade, devemos entregar-nos a uma profunda tristeza. Vivamos, no entanto, da esperança de que a conversão, mesmo política, é possível.

PAUL-EUGÈNE CHARBONNEAU, 60, é doutor em Teologia pela Universidade de Montreal (Canadá) vice-diretor do Colégio Santa Cruz, escritor e editor.

FOHA DE SÃO PAULO